

REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DA LEITURA DE IMAGEM NO PROCESSO DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO

Adriana Araújo de Albuquerque Andrade¹

RESUMO

Neste artigo pretendo trazer algumas reflexões sobre leitura de imagem no processo de letramento e como essa experiência pode ampliar as possibilidades das práticas docentes e contribuir na organização da mediação, auxiliando na interação e na compreensão da imagem no caminhar do letramento, possibilitando o letramento visual. Serão trabalhados alguns conceitos de livro objeto a partir da ótica de artistas como Edith Derdyk, Ulises Carrión. Trarei reflexões importantes sobre o conceito de leitura de imagens a partir do ponto de vista de Rui de Oliveira, sempre fazendo uma contextualização com “Letramentos”, de Mary Kalantzis. Finalizarei com dois exemplos de experiências de leitura de imagem como peça importante na construção do processo individual e de como a prática mediada da leitura de imagem podem contribuir nesse percurso do letramento.

Palavras-chave: Imagem. Letramento. Livro de artista. Reflexões.

INTRODUÇÃO

No processo de aprendizagem, a escrita é a forma mais conhecida e comentada, sendo reconhecida como a principal maneira de construção de significados. Dessa forma, pensar a comunicação e restringir o processo de aprendizado à escrita e leitura é limitar as possibilidades. As imagens estão por toda parte. O mundo é percebido, primeiramente, por meio de imagens. Desde o período da pré-história o homem utiliza de imagens para registrar suas ideias e contar suas histórias. São sentimentos, acontecimentos, rituais, histórias expostas em forma de desenhos, de imagens que nos dias atuais são verdadeiros textos decodificados.

Hoje, essas imagens, sejam elas uma pintura, uma fotografia, um vídeo, uma imagem isolada ou uma sequência que construa uma narrativa, sempre vêm carregadas de informações e intenções que nos transmitem infinitas experiências. Podemos pensar em incorporar essas habilidades tradicionais às comunicações multimodais e, dessa forma, expandir a ideia e a compreensão da palavra escrita, explorando as infinitas possibilidades que o letramento pode funcionar na sociedade atual.

¹ Graduada no Curso de Artes Visuais adriana.koolidje@email.com;

A partir de pesquisas que realizo como Professora de Artes Visuais e fotógrafa, parto do conceito de livro objeto e letramento para iniciar minhas reflexões nesse processo de leitura de imagem e letramentos. Se partirmos do ponto de vista da importância de aprender uma técnica, no caso a escrita, como uma conquista no processo de letramento, esse processo torna-se vago. Entretanto, existem outros caminhos para produção de sentidos. Isso significa olhar o que está ao nosso redor de modo mais atento, sempre guiado pelos sentidos que ele pode oferecer e causar em cada um de nós. A intensão não é pensar em um roteiro, e sim em possibilidades para refletir a respeito da leitura de imagem, como uma experiência na formação dessa criança em processo de letramento.

Dessa forma, podem-se elaborar argumentos partindo de conceitos importantes acerca de letramentos, livro de artista e leitura de imagem como forma de proporcionar, de ofertar um caminho na formação sensível da criança e auxiliar na elaboração e proposição de práticas de leitura que estejam mais próximas do contexto escolar e de seu cotidiano.

METODOLOGIA

Assim, o texto foi elaborado a partir da pesquisa bibliográfica, relacionando às contribuições de Azevedo (2022), Carrión (2011), DerdiK (2013), freire (2005), dentre outros, também, organizado seguindo uma linha. Iniciamos falando sobre conceito de livro de artista, levando em consideração trabalhos de artistas como Edith Derdyk, Ulises Carrión e Paulo Silveira. Em seguida falamos sobre leitura de imagens, dissertando sobre livro imagem e conceitos importantes sobre letramento que consolidarão essa ação de leitura de imagem como parte importante no processo individual de cada aluno e, a partir das reflexões sobre livro de artista e leitura de imagens, aproximar de uma experiência positiva. Enfim, finalizamos o texto com um exemplo de prática pedagógica que consolide essa ligação da leitura de imagens, presentes em um livro de artista e livro de imagem com o letramento, buscando inserir a leitura de imagens e a mediação por parte do professor no cotidiano da sala de aula.

REFERENCIAL TEÓRICO

Reflexões sobre Livro de Artista



O que é um livro?

Segundo Ulises Carión (2011) “Um livro é uma sequência de espaços. Cada um desses espaços é percebido em um momento diferente - um livro também é uma sequência de momentos. Um livro não é um mostruário de palavras, nem um saco de palavras, nem um portador de palavras”. Quanto ao livro de artista, existem várias outras definições e todas elas estão diretamente ligadas às experimentações poéticas. Cada uma traz questionamentos e críticas sobre o próprio conceito de livro e, a partir desses múltiplos conceitos, é uma nova oportunidade de se tornar um novo livro. Tudo isso partindo da vivência e experiência de cada um.

O objeto livro está em constante mutação. Ele nos proporciona experiências diversas, a cada página ou imagem, uma nova descoberta de forma individual. Essa descoberta também pode vir a ser diferente para cada pessoa que adentre nesse mundo do livro. Exatamente por essa flexibilidade o livro de artista e o livro de imagem podem ser a própria experiência e proporcionar diversas outras. Como se trata de um livro, geralmente, com muitas imagens, formas variadas que podem ser diferentes de um livro tradicional de história infantil, por exemplo, proporciona assim, experiências diferentes.

Os livros sempre desejam fazer um diálogo entre o próprio livro e quem o manuseia, estabelecendo assim uma relação pessoa-objeto. O livro de artista assume variadas distinções: livro-objeto, objeto-livro, forma-livro, cadernos de anotações, diários, impressos, caixa-livro, livro-processo, livro-registro, foto-livro entre outras.

As possibilidades de conceitos e formas que podemos encontrar no livro de artista insinua e aprofunda uma investigação e, sobre tudo, uma experiência de livro como objeto poético. Como fala Edith Derdyk em seu livro *Entre ser uma e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*, “O livro de artista nos convida para caminhar nessa paisagem feita de campos de cultivo híbridos, sugerindo o convívio das diferenças”. (p. 12).

A estrutura narrativa do livro de artista é sempre muito pessoal, sendo assim uma surpresa se pensarmos e compararmos a estrutura de um livro tradicional. Nunca sabemos o que podemos encontrar, possibilitando assim, infinitas possibilidades. Sobre a sequência ou narrativa do livro de artista, ela pode acontecer por uma junção de lógicas inusitadas entre imagens e palavras, ou simplesmente apenas imagens, de materiais diversos, propondo ao leitor maneiras tradicionais ou inusitadas de manuseio do livro.



Podemos citar como exemplo dessas inusitadas formas de manuseio de livro de artista o Poemobiles de 1974 dos autores Augusto de Campos e Julio Plaza. É um livro que vai além da ideia de um livro. Ele extrapola todas as fronteiras do livro tradicional devido a sua tridimensionalidade e estrutura que assume o comunicante, sendo ponto de partida para criações menos usuais, assumindo assim variadas formas. Podemos chamá-lo de cartaz, escultura e até mesmo de holografia.



Figura 1: Poemobiles de Augusto de Campos e Julio Plaza <
<http://sibila.com.br/critica/relendo-poemobiles-de-augusto-e-plaza/4536>>
 acessado em 25 de julho de 2022.

Os processos que envolvem a construção do livro de artista podem ser observados como manifestações que convivem e reproduzem múltiplos caminhos de processos, procedimentos, técnicas e linguagens, proporcionando assim, variadas experimentações e vivências particulares que convergem para o coletivo. Essas experiências artísticas não são específicas, e sim múltiplas e ricas em informações.

Como escreveu Adolfo Montejo Navas em seu texto *Arte em livros - Brasil* (2013) “O objeto nunca é um objeto em si, e sim a operação de pensamento que vem aliada sua recepção como artefato interativo, é a inscrição de interrogantes. E, dessa forma, como livro de artista, o século XXI só pode ser a época da inclusão”. (P.57).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Reflexões sobre leitura de imagem e letramento visual

No livro *Reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens* (2008), o ilustrador Rui de Oliveira justifica a importância da leitura de imagem como uma prática importante e necessária na fase da infância. Ele afirma: “infelizmente priorizamos para as crianças, de forma até perversa, o aprendizado da leitura das palavras como atestado de alfabetização. Seria mais conveniente se, nas escolas a iniciação à leitura de imagens precedesse a alfabetização convencional.” (OLIVEIRA, 2008, p.29).

A alfabetização visual, não apenas pode ser uma ferramenta para aprender ler as letras como também amplia a capacidade de produzir e pensar nos processos que



envolvem o fazer o livro. As cores, os espaços existentes e claro o texto presente no livro. Quando falo “pensar o livro”, quero dizer pensar na diagramação das páginas, na relação da imagem com o texto, nos espaços existentes, nas pausas. O porquê que o autor e o ilustrador escolheram as posições do texto e das imagens, se citarmos um livro infantil.

Quando as escolhas partem da seleção das imagens, o que o artista produziu ou organizou como sequencia ou narrativa e a diagramação das imagens, o motivo de possuir ou não texto, porque as imagens são coloridos ou preto e branco.

Destacar todas essas possibilidades de descobertas e construir significados plurais diante de um livro ou objeto-livro são aspectos importantes a ser considerado de leitura que podemos buscar inserir em práticas pedagógicas, possibilitando a leitura de imagem como parte significativa no processo de letramento. Se pensarmos no processo de leitura na nossa vida, não lemos apenas o verbal, lemos tudo. E como já nos alertava Paulo Freire (2005) o mundo é lido (ou deveria ser lido) antes da palavra ou desde o principio precisaria ter sua leitura mediada.

As imagens existentes no mundo e as imagens que construímos a partir do que vemos ou imaginamos do mundo podem ser produzidas de diferentes formas e cores. Podemos fotografa-las, pinta-las, desenhá-las, bordar-las, filma-las, fazer montagens diversas, colagens. Tudo isso não existe se não forem olhadas, sentidas e pensadas. E para isso não basta só vê-las, é preciso ir além, para podermos produzir sentidos, construir conhecimentos e compartilha-los, precisamos sentir o que vemos.

As imagens estão por toda parte, nas capas de jornais, nas revistas, propagandas impressas ou na tv, nos filmes ou nos cartazes, embalagens de produtos, nos livros, nos desenhos animados. Estão por toda parte e a todo instante estamos vendo imagens diversas, com sentidos diversos. Saber olhar essas imagens exige mediação. Precisamos decodificar o que está por trás das imagens, que mensagens elas querem transmitir, por isso, precisamos educar o olhar para ver e entender o mundo.

É através das imagens que são construídas as narrativas visuais e vamos adentrando o mundo da história a ser contada, acessamos possibilidades de sentidos e amplia o nosso olhar, o que acaba exercitando a alteridade (TODOROV, 2016).

Ainda refletindo sobre a leitura das crianças, com os livros constituídos apenas por imagens, assim como o livro de artista, ele recebe variados nomes, como livro sem palavras, livro álbum, narrativa visual. Todos esses nomes delimitam uma característica essencial que é a predominância de elementos de expressão visual na constituição e na



construção de sentidos, constituindo assim um discurso narrativo e/ou poético a partir dessa leitura visual.

Pensando nessa construção de cada indivíduo, no seu processo de letramento, utilizar-se de recursos visuais voltado para a arte, no caso aqui o livro de artista, pensar e fazer esse processo de forma mais livre, poderia ser um recurso interessante, haja visto que a presença de livros literários composto só por imagens, nos catálogos das editoras, normalmente não é numerosa, mesmo já tendo um mercado existente desde o final dos anos 1970. Falo dessa data, pois foi quando o livro *Ida e volta*, de Juarez Machado foi lançado. Um livro sem texto, composto só com imagens, que deixa claro que o intuito do autor era contar uma história a partir das ilustrações em sequência. Podemos citar vários autores de livros com ilustrações que são fundamentais e que auxiliam nesse processo de leitura.

Poder usar o livro de artista como uma ferramenta importante pode ser fundamental, podendo agregar valores que vão além do vocabulário de uma criança, por exemplo. A criança pode usar de sua imaginação de forma livre, mas guiada, e construir sentidos e narrativas, que possam acessar conhecimentos do seu cotidiano. Por exemplo quando uma criança vê um muro pintado em seu próprio bairro. Aquele grafite é carregado de significados próprios que cada um de nós consegue atribuir valores distintos. Trata-se de uma leitura individual, não existe apenas um significado, mas vários.

Quando passamos para a escola essa possibilidade, que tipo de memória visual ela pode criar? Que tipo de escolha os mediadores irão fazer para contribuir com essa construção de leitura visual?

É importante deixar claro que a escola deve se preocupar com as práticas de comunicação, independente da escolha da linguagem ser verbal ou visual. Ter a preocupação de construir sentidos e, claro, poder proporcionar caminhos diferentes de interagir e ler.

Ricardo Azevedo diz, “(...) se há ‘utilidade’ da literatura na escola, muito mais do que ensinar gramática e coisas assim, é de possibilitar, no plano da expressão, o contato do leitor com uma linguagem expressiva, renovadora e poética, e, no plano do conteúdo, a discussão de temas”. (documento online, 2019).

Então se o livro de imagens nos possibilita leituras que vem se renovando e nos ajuda a entender o mundo das histórias, poder trabalhar com livro de artista é ter nas mãos uma ferramenta capaz de ampliar esse conceito de leitura e de letramento. A



oportunidade de encontrar significados a partir de imagens que os artistas criam e fazer uso dessas imagens e criações artísticas como forma de linguagem verbal e como expressão é um caminho possível, uma porta alternativa para o mundo das palavras. Ampliar o nosso olhar, o nosso modo de ver e produzir sentidos e infinitas possibilidades no mundo da imaginação e da expressão.

Leitura de livro de imagem e livro de artista

Quando fazemos a leitura de um livro, com uma história na qual as ilustrações ajudam a dar sentido às palavras ali contidas, o texto faz uso das imagens para auxiliar no entendimento ou na cotação da história. Quando fazemos leitura somente de livro de imagens, não buscamos somente e unicamente o conteúdo discursivo, pois isso limitaria as possibilidades, tornando-se assim uma leitura simples, e transformando-se assim em uma experiência de apenas dar significados às imagens.

As imagens contidas no livro imagem ou no livro de artista deve ser uma construção interativa que ocorre por vários caminhos. Pelas formas, pelos espaços, pelo material, pelas técnicas utilizadas no livro, pela diagramação das imagens presentes no livro e, indubitavelmente, pela forma que esse livro assume.

As escolhas que fazemos para manusear o livro ou a escolha da imagem a ser lida é o que conduz o olhar, ampliando ou restringindo essa leitura. Por isso a mediação se faz necessário. A intensão deve sempre trazer provocações que despertem o interesse e que faça pensar sobre a prática de leitura de imagens como processo no caminho do letramento.

Letramentos como proposta desafiadora

O processo de aprender a ler e escrever é um ponto importante na vida do indivíduo, uma vez que são habilidades que estão diretamente ligadas à questões da comunicação, interpretação, compreensão e produção de conhecimento. São qualidades diretamente ligadas ao processo de alfabetização e ao processo de escrita e leitura.

O aluno assume uma posição importante nesse desenvolvimento, ele deixou de ser uma “tela em branco” para ser um sujeito com uma bagagem cultural e social, apto a contribuir. Ele agora é visto como um ser inserido nessa realidade, dentro e fora do ambiente escolar. Nesse percurso, esse caminho a ser percorrido, ele assume o protagonismo do seu processo pessoal, mediado sempre pela professora, com o interesse



e o objetivo de desenvolver de forma múltipla a comunicação. A tecnologia é uma aliada importante nesse processo, sempre com muitas possibilidades de explorar esse mundo do aprendizado e da troca de conhecimentos.

As pessoas estão sempre construindo significados no decorrer da sua vida. Tentar entender e explicar o que continua importante no processo tradicional da aprendizagem da leitura e da escrita nos dias atuais é um trabalho importante quando estamos tentando ressignificar e ampliar o processo do ler e escrever. O que antes era aprender letras e formar palavras. Agora essa construção inclui os modos visuais, auditivo, espacial, comportamental e gestual.

Entre vários conceitos importantes que Mary Kalantzis fala em seu livro *Letramentos* (2020). Dois aspectos são principais da construção de significados: o da diversidade social, que é bastante significativa nos modos de interação na vida cotidiana, e a ideia de multimodalidades, que seria pensar nessa construção de significados de forma multimodal, isto é, de forma híbrida. O textual está integrado ao som, ao visual, ao comportamental, ao espaço, às formas, entre outras.

Mary Kalantzis fala “A escrita já foi a principal maneira de construir significados em diferentes épocas e lugares. Cada vez mais, os modos grafocêntricos de significado podem ser complementados ou substituídos por outras formas de cruzar o tempo e a distância.” (KALANTZIS, 2020, p. 20).

Lendo imagens - livro de artista ou livro de imagens.

As leituras que aqui apresento procuram analisar também a forma, sempre com o propósito de criar sentidos. A leitura visual tem o objetivo de apoiar a compreensão da forma, essas imagens em sequência, e como esses elementos de significação constroem sentidos a partir de dois planos, o da expressão e a do conteúdo. Podemos acrescentar nesse processo de construção de sentidos, a bagagem individual e cultural, que amplia o vocabulário. Nessa viagem de significações, aonde todos os sentidos envolvidos nesse exercício da comunicação criam uma unidade, o texto imagético.

O trabalho do fotógrafo James Mollison com o título “Where children sleep”, em português “Onde as crianças dormem”, é uma série de fotografias que contam as histórias de diversas crianças ao redor do mundo por meio de retratos de seus quartos. Um trabalho que leva a reflexão sobre a personalidade e as condições sociais de cada uma delas, sobre quem elas são, o que elas têm, como vivem e dividem esse espaço. Os



retratos possuem um fundo neutro, o que destaca a criança do seu meio e em seguida a foto do quarto. Apesar das imagens virem com legendas contando um pouco da história das crianças, elas podem ser trabalhadas de forma individual e coletivamente, na qual cada criança pode fazer uma leitura baseada nas suas vivências e bagagem cultural.



Figura 2: James Mollison “Where children sleep” Disponível em <<https://medium.com/espacof508/onde-as-crian%C3%A7as-dormem-james-mollison-82b8030ca045>>



Figura 3: James Mollison “Where children sleep” Disponível em <<https://medium.com/espacof508/onde-as-crian%C3%A7as-dormem-james-mollison-82b8030ca045>>

Na história contado por James Mollison, a criança da figura 2, de nome e idade desconhecidos, foi da Romênia para Roma com a família. Por estarem sem documento, não tem conseguiram trabalho e, sem ter onde ficar, acamparam numa fazenda. Entretanto, foram expulsos pela polícia. Passaram então a dormir num colchão em um campo, nos arredores de Roma, na Itália. Na figura 3 temos Kaya, de 4 anos, que mora em Tóquio, no Japão. Seu quarto é forrado do chão ao teto com roupas e bonecas. Ela tem 30 vestidos e 30 pares de sapatos, perucas e vários brinquedos. Detesta usar uniforme da escola. Suas comidas favoritas são carne, batata, morango e pêssego.



Figura 5: James Mollison “Where children sleep” Disponível em <<https://medium.com/espacof508/onde-as-crian%C3%A7as-dormem-james-mollison-82b8030ca045>>



Figura 6: James Mollison “Where children sleep” Disponível em <<https://medium.com/espacof508/onde-as-crian%C3%A7as-dormem-james-mollison-82b8030ca045>>

Na Figura 4, Alex, de 9 anos, vive no Rio de Janeiro, pedindo nos sinais, roubando idosos e pessoas que esperam nos semáforos. Cheira cola e dorme ocasionalmente nesse sofá ou em outros lugares que vai encontrando. Na figura 5, temos Jamie, também com 9 anos, que mora com seu irmão gêmeo e sua irmã na Quinta Avenida em Nova Iorque. Frequenta uma escola de prestígio e é um bom aluno. Faz aulas de judô e natação e quer ser advogado quando crescer.



Os textos acima são as histórias reais de cada fotografia. Porém, ao serem trabalhadas em sala de aula, ou até mesmo em uma exposição, com crianças, elas podem fazer a leitura visual, a partir dos elementos que conhecem. Primeiramente, visualizando o retrato da criança, nas características pessoais e partindo para o espaço do quarto. Toda essa linguagem visual é importante na construção de sentidos. No final desse processo, as crianças podem construir alguma imagem partindo da sua realidade, por exemplo. Compartilhar o espaço que todos temos em comum, mas sendo de formas diferentes.

O trabalho de James Mollison é composto por 56 fotografias de crianças e seus quartos. Usei 4 para exemplificar. O motivo da escolha do fotógrafo pela criança em um fundo neutro embasa-se na ideia de partirem do lugar de criança, de forma igualitária. Em seguida, tem-se a foto do quarto de cada uma delas: é a diferença entre elas. Isso é o que nos faz refletir sobre a realidade de cada uma delas, construímos sentidos e trabalhamos a comunicação.

Agora vou apresentar um livro de imagem: o livro *Onda* de Suzy Lee (2008), que faz um trabalho lindo e sensível com elementos muito simples, criando uma bela história, que não precisa de nenhuma palavra. Apenas com o uso delicado de linhas e cores explora o campo da imaginação e, como diz Roger Mello, “*Onda*, de Suzy Lee, é um grito poderoso de arte, silêncio e movimento”.



Figura 7 e 8: imagens da capa e parte interna do livro de Suzy Lee. <https://www.researchgate.net/figure/Figura-19-Paginas-do-Livro-Onda-2008-de-Suzy-Lee_fig10_325812319> acessado em 25 de julho de 2022.

Já iniciamos a leitura pela capa, nos posicionando diante do mar, e, apenas pela imagem apresentada, já somos capazes de sentir uma leve brisa, através do movimento do vestido e dos cabelos da menina. Percebemos o mar agitado, pelo “movimento” das ondas. Ouvimos também sons de pássaros, eu visualizo gaivotas. A menina parece desejar chegar mais próximo ao mar, mas está com dúvidas, o corpo dela revela, ao mesmo tempo, incerteza e movimento.



Percebo isso pelas pernas, uma levemente dobrada, um pé que parece querer dar um passo. Ela demonstra querer chegar mais perto do mar, mas não sabe se chega perto ou se deve fugir. O título escrito em letra cursiva, demonstra uma certa sinuosidade, acompanhando o movimento do mar, a cor e a forma dialogam com esse movimento.

A cena da capa é um convite a um diálogo que inicia ali entre a menina e o mar, e nos faz caminhar página a página, a partir dali, ao longo de todo o livro. Como as próximas imagens irão narrar os fatos? A nossa imaginação seguirá nos conduzindo nessa viagem de compreensão e construção de uma narrativa.

O formato do livro tem uma função importante nesse processo. Ele possui cerca de 31x18cm e, ao abri-lo, a visão é duplicada, ampliando assim esse cenário e nos possibilitando uma visão panorâmica, parecida com a que temos quando estamos na praia. Da mesma forma que, ao olharmos o mar, existe uma separação entre areia e mar, essa divisão é bem igual quando olhamos as imagens do livro. Existe em alguns quadros, a divisão da linha do horizonte.

O livro todo é guiado por essa brincadeira da menina com o mar, as ondas em alguns momentos ditam a velocidade da cena. O uso das cores é um elemento plástico que chama a atenção. São só três cores: branco, azul e cinza, em diferentes tons. Um pouco mais de atenção e percebemos que as cores nos auxiliam na separação do ambiente, no comportamento da menina, se ela está insegura ou alegre. É um livro fantástico, cada detalhe foi pensado nessa condução e na construção dessa narrativa que cada pessoa constrói. As linhas simulam os movimentos estabelecidos pelas formas e cores, o que nos permite acompanhar todos os movimentos da menina no mar, no momento do encontro dos dois, o movimento do mar e a euforia da menina.

Tudo muito bem conduzido e o leitor estabelecem uma relação com o discurso, nos permitindo presenciar a curiosidade da menina e, com ela, sentimos, vivemos ou, em alguns casos, revivemos a experiência desse encontro com o mar, com o desconhecido. Assim como a personagem da história, criamos vários significados possíveis para essa vivência/leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A construção desta pesquisa foi essencial para o campo científico e prático docente, percebe-se que a leitura visual, conduzida por um mediador ajuda na formação sensível da criança, e a direciona de forma consciente, produzindo conhecimento não só



pelo o que ela vê. É um exercício importante quando se trata de conhecimento adquirido, de acordo com suas experiência afetivas e cognitivas.

É necessário fortalecer alguns pontos nesse processo de mediação da leitura de imagem, principalmente quando falamos de livro de artista e em relação à livro de imagem. Esses livros não são somente uma narrativa que se consegue exprimir através de imagens, algo imagético, que venha da imaginação. Ler a imagem presente nos livros significa compreender que a imagem é constituída de conteúdo e expressão. É de extrema importância compreender o que diz e como isso é dito.

Temos que entender também que essa mediação requer interação compartilhada, que perpassa por diferentes modos de agir e ser que acabam possibilitando a produção de sentido e estabelece uma comunicação. Por isso é tão importante um planejamento que possa encaminhar essa experiência, que não possui um único caminho, mas para cada pessoa que usa dessa linguagem da imagem, construa seu próprio caminho, a partir da sua interação. É essa diversidade decorrente dessa experiência que possibilita que a leitura não possua apenas um caminho possível e que esse letramento visual nos permita educar a nossa olhar ao ver as imagens e o mundo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias.** Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Livros-para-criancas-e-literatura-infantil.pdf> . Acesso em: 23 de julho de 2022.

CARRIÓN, Ulises. **A nova arte de fazer livros.** Trad. Amir Cadôr Brito. Belo Horizonte: C/ Arte, 2011.

DERDYK, Edith. **Entre ser uma e ser mil: objeto livro e suas poéticas.** São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 46.ed São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Rui. **Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** tradução de Caio Meira. 6.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2016.

